

“O vídeo mais difícil que gravei em toda minha vida”: uma análise dos discursos da influenciadora Evelyn Regly sobre abuso sexual intrafamiliar através do Youtube

“The most difficult video that I filmed in my whole life”: an analysis of influencer Evelyn Regly’s speeches about intrafamily sexual abuse on YouTube

Mariana de Brito Meneghetti Dias¹

Luciana Fernandes Nery²

Resumo: O presente artigo³ analisa, a partir das confissões da influenciadora Evelyn Regly, os discursos das sobreviventes de abuso sexual intrafamiliar. Objetiva-se investigar como esses discursos podem contribuir para o encorajamento das denúncias e combater os casos de abuso sexual. Para tanto, o corpus de análise consiste em 2 (dois) vídeos da influencidora Evelyn Regly, vítima de abuso sexual, produzidos em 2020/2022 e publicados em seu canal do YouTube, cujo intuito era expor a violência sofrida durante a infância. Nossa pesquisa é qualitativa de caráter descritivo-exploratório, fundamentada nos estudos discursivos

¹ Graduada em Letras Língua - Portuguesa e Respectivas Literaturas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. ORCID: 0009-0002-7435-2781 E-mail: meneghettimariana@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Docente do departamento de Letras - Língua Portuguesa do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. ORCID: 0000-0003-0754-1304. E-mail: lucianafernandes@uern.br

³ O artigo é resultante de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Graduação em Licenciatura em Letras do Campus Avançado de Patu/UERN.

foucaultianos (2011, 2014). Para tratar sobre o abuso sexual respaldamo-nos em Corbin (2021), Gros (2004, 2018), Araújo (2020), Vigarello (1998), dentre outros. Diante dos enunciados analisados, percebemos, portanto, como as mulheres carregam consigo o medo de expor seus relatos diante da falta de apoio e problemas causados pelos traumas, no entanto, os dispositivos midiáticos podem contribuir para que rompam o silêncio e denunciem os casos de violência sexual.

Palavras-chave: Discurso; Abuso sexual intrafamiliar; Silenciamento; Modos de objetivação/subjetivação.

Abstract: Drawing on discussions in Discourse Analysis, this study aims to investigate how the discourses of the influencer Evelyn Regly in her YouTube videos can contribute to the denunciation of child sexual abuse. Our general objective is to analyze how a truth about oneself implies a truth about the other in Evelyn Regly's speeches, focusing on the discursive and non-discursive strategies used by abusers and the modes of objectification/subjectification of both the victims and the abusers. This qualitative research has an exploratory and descriptive character, informed by Foucault (2011, 2012, 2014, 2015, 2018, 2021, 2022). Regarding sexual abuse, we draw on the works of Corbin (2021), Gros (2004, 2018), Araújo (2020), Vigarello (1998), among others. For the analysis, we selected two (2) videos produced by Evelyn Regly, a victim of sexual abuse, in 2020/2022, as our corpus. The analysis reveals how women are objectified from childhood and how the trauma of abuse carries into adulthood.

Keywords: Speech; Intrafamilial sexual abuse; Silencing; Ways of objectification/subjectification.

Considerações Iniciais

Os aspectos culturais e históricos da sociedade atribuíram ao corpo da mulher uma imagem de objetificação. Nas culturas ocidentais, construiu-se, forçadamente, uma visão falocêntrica tendo os homens como seres superiores. A objetificação da mulher não se dá somente na fase adulta, uma vez que, comumente, muitas crianças têm suas infâncias prejudicadas para serem objetos de satisfação masculina, ocasionando, assim, inúmeros impactos durante a maioridade, como a depressão, o TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático), dificuldades em se relacionar, ansiedade, entre outras consequências.

De acordo com a Lei nº 11.147/2020, a violência sexual consiste em qualquer ato sexual entre indivíduos sem o consentimento do outro. Pode-se incluir como violência sexual o estupro, o assédio e o abuso sexual. O abuso sexual é subdividido em extrafamiliar, por pessoas pouco conhecidas, e o

intrafamiliar que envolve parentes das vítimas que moram ou não sob o mesmo teto. Todavia, na maioria dos casos, ocorre por aqueles que convivem cotidianamente no mesmo lugar. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), cerca de 61,6% dos casos de abuso sexual foram cometidos com meninas menores de 13 anos e 84,7% são praticados por pais, padrastos, tios, avós. Sendo assim, torna-se perceptível que as mulheres são o principal alvo de violência intrafamiliar.

Ao confessarem durante a vida adulta que foram vítimas de abuso sexual infantil ou até mesmo enquanto crianças, as mulheres assumem um risco. Em vista disso, ao expor os abusos, as vítimas podem ser ameaçadas ou terem suas vidas ceifadas, uma vez que, nos casos de denúncia, a prática de confessar uma verdade sobre si implica uma verdade sobre o outro. Além disso, comumente, a falta de apoio por parte da família implica no silenciamento das vítimas que deixam de confessar suas verdades por medo de não serem ouvidas.

Diante disso, as mulheres, que não dispõem de uma rede de apoio, podem encontrar nos espaços virtuais como YouTube, Twitter, Instagram, entre outros, um suporte para se desvencilhar dos medos, compartilhar suas opiniões, expor suas verdades. Nesses espaços virtuais, a disseminação de publicações é transmitida em rápida velocidade, tornando, dessa forma, a mídia como um lugar de encorajamento para protestos de violência contra a mulher e, também, para a confissão de sobreviventes de atos criminosos, como o abuso sexual intrafamiliar, por exemplo. Entre as inúmeras confissões de crimes dessa natureza, temos a da influenciadora Evelyn Regly, sobrevivente de abuso sexual na infância que, entre os anos de 2020/2022, confessou através de vídeos em seu canal do YouTube, que foi vítima de violência cometida por alguém do seu convívio familiar, ocasionando inúmeros impactos na vida adulta. Além disso, Regly não teve apoio dos seus familiares, que escolheram acreditar no abusador, provocando na vítima o distanciamento da família.

Assim, além da reflexão sobre os impactos causados em mulheres que sofreram abuso sexual intrafamiliar, torna-se relevante a discussão sobre as ameaças e o silenciamento das vítimas diante da falta de apoio por parte da

família e da sociedade. É importante destacar que a confissão e a coragem da influenciadora Evelyn Regly, que possui mais de 11 milhões de seguidores no YouTube e Instagram, incentivou que outras sobreviventes também relatassem os abusos e os traumas sofridos, através do espaço dedicado aos comentários dos vídeos.

Desse modo, como aporte teórico, utilizamos os pressupostos de Foucault (2011, 2012, 2014, 2015, 2018, 2022); Agamben (2009); Corbin (2021); Gros (2018). Como *corpus* selecionamos 2 (dois) vídeos publicados no canal do YouTube da influenciadora Evelyn Regly em que ela confessa o crime de abuso sexual sofrido na infância. Diante da recorrência dos casos de abuso sexual infantil, enfatizamos a necessidade de pesquisar acerca da violência sexual, um crime que está presente no dia a dia de milhares de crianças, principalmente, das meninas.

A noção de discurso nos Estudos Foucaultianos

A obra *A ordem do Discurso* de Michel Foucault, aula inaugural no *Collége de France* em 2 de dezembro de 1970, marca a transição da fase arqueológica para genealógica e apresenta uma discussão sobre a decisão arriscada de entrar na ordem do dizer. Além disso, o filósofo francês estabelece o discurso como sendo “a reverberação de uma verdade nascendo diante dos seus próprios olhos” (Foucault, 2014, p. 49).

Sendo assim, na perspectiva foucaultiana, o discurso é visto como uma prática produzida, sobretudo, no meio social definida pelas condições dos sujeitos que falam, dos lugares e das posições sociais que são assumidas quando fala, percebido enquanto práticas descontínuas “que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (Foucault, 2014, p. 50). Outrossim, ainda em *A ordem do Discurso*, Foucault destaca meios que buscam controlar a produção dos discursos na sociedade e que devem ser notados em seus processos histórico-sociais apresentados através de acontecimentos discursivos. Diante disso, o autor afirma:

[...] suponho que em toda sociedade a produção de um discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos,

dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade (Foucault, 2014, p. 8-9).

Além do seu objeto de análise - o discurso - em sua aula inaugural, Foucault aborda sobre os procedimentos internos e externos de delimitação da produção dos discursos. Como procedimentos internos há o comentário, a autoria e a disciplina. Já no que se refere aos externos há a interdição, a separação/rejeição e a vontade de verdade que estão dentro dos procedimentos de exclusão. Entretanto, apesar de haver vários procedimentos de controle do discurso, interessa-nos a interdição, que determina que o sujeito não pode falar tudo que quer em qualquer lugar e circunstância, pois nem todos os discursos são aceitos. Desse modo, ao analisarmos neste trabalho os enunciados da influenciadora Evelyn Regly, percebemos que há inúmeros fatores que limitam a enunciação das sobreviventes de abuso sexual.

A noção de discurso para os estudos Foucaultianos possui uma ampla definição. Em sua obra, *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2022a) define o discurso como sendo um conjunto de enunciados que pertencem a diferentes campos. Nesse sentido, o autor destaca:

[...] Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, (...) é, de parte a parte, histórico [...] (Foucault, 2022a, p. 143).

Posto isso, com o surgimento de um discurso e não outro em seu lugar, o sentido será produzido e lido de acordo com o meio em que o sujeito está. Acerca das formações discursivas, Foucault argumenta que, “no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva” (Foucault, 2022a, p. 43). Logo, o autor a comprehende como a

semelhança entre discursos que podem apresentar uma unidade ou dispersão submetida às modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas. Desse modo, os discursos podem sofrer transformações, uma vez que é constituído ou atravessado por uma série de enunciados.

Foucault (2022a) define o enunciado como a unidade mínima do discurso. Dessa maneira, o enunciado é considerado como uma função pertencente aos signos. Para o referido autor:

O enunciado [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (Foucault, 2022a, p. 98).

Desse modo, para o autor, as relações do sujeito em sociedade constroem os enunciados, pois os sentidos ou efeitos de sentidos dos enunciados são produzidos nas relações entre as práticas discursivas⁴. Além disso, o enunciado está relacionado com o discurso em determinado momento histórico-social.

O dizer parresiástico e os espaços midiáticos como lugar de denúncia dos casos de violência sexual

A *Parresia* começou a ser melhor estudada por Foucault no curso "A *Hermenêutica do sujeito*", em 1982. Esse termo significa dizer a verdade de forma livre e franca sobre si mesmo. Desse modo, para que se possa dizer a verdade é necessário que haja a presença do outro, que não pode ser qualquer um antes necessita ter certa qualificação para "[...] julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar [...]" (Foucault, 2022b, p. 69). O dizer parresiástico consiste em um ato de coragem, pois, ao enunciar um discurso, o sujeito pode

⁴ Por prática discursiva, entende-se: "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa" (Foucault, 2022a, p. 133).

arriscar sua relação com aquele a quem dirigiu a fala e pôr em risco a sua própria vida. Foucault (2011) salienta que:

O sujeito, [ao dizer] essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige (...) e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência (Foucault, 2011, p. 12).

Desse modo, nos anos 80, no último curso ministrado por Foucault no *Collège de France*, intitulado “*A coragem da verdade*”, o filósofo estuda as *formas aletúrgicas*, ou seja, “o ato pelo o qual a verdade se manifesta” (Foucault, 2011, p. 4) e apresenta quatro modos de dizer a verdade existentes na antiguidade: o do profético, o dos sábios, o do técnico e o dizer do parresiasta. A primeira modalidade de dizer a verdade é a dos profetas, que não falam em seu nome, mas como intermediários da voz de Deus. A segunda, o dizer dos sábios, que falam através de sua própria sabedoria, por enigmas e não têm suas verdades questionadas. A terceira forma é a verdade do técnico, que está atrelada a um saber que é passado a outrem. E, por fim, o parresiasta, que se diferencia do profeta, do sábio e do técnico, falando em seu próprio nome e assumindo uma verdade sobre si. Mediante tais concepções, ressaltamos que:

A *parresia* é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco do dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve (Foucault, 2011, p. 13).

A relação entre sujeito e a verdade foi uma das preocupações dos estudos de Foucault. Uma das formas de analisar essa relação era “[sob] algumas formas culturalmente reconhecidas e típicas, por exemplo, a confissão” (Foucault, 2011, p. 5). Nos dias atuais, os sujeitos, comumente, utilizam as redes sociais para confessar verdades sobre si, fazer denúncias e/ou relatar fatos que os envolvem. Nessa perspectiva, no final do século XX, de acordo com Martino (2014), as mídias digitais passaram a fazer parte do cotidiano dos sujeitos, tornando-se um espaço de dizer a verdade da modernidade, no qual se consegue acessar informações, compartilhar opiniões e transmitir vários discursos de forma instantânea. Dito isso, percebemos que

estes espaços digitais têm se tornado um lugar de encorajamento para que as vítimas de abuso sexual denunciem o crime de violência.

No século XXI, essas mídias passaram a ser utilizadas para fazer denúncias e confissões dos crimes de abuso sexual. Estes espaços digitais, geralmente, o X, *Facebook*, *Instagram*, por meio de hashtags⁵, páginas ou perfis pessoais, além das confissões através de vídeos do *YouTube* como o da influenciadora Evelyn Regly, têm se tornado um lugar de encorajamento para que as vítimas de abuso sexual relatem o que sofreram e conscientizem principalmente outras mulheres. Nesse sentido, a concepção de confissão que adotamos, a partir de uma perspectiva foucaultiana, difere da que é apresentada na prática cristã e no campo jurídico, uma vez que as mulheres ao dizerem a verdade sobre si “vinculam-se a essa verdade, colocam-se numa relação de dependência perante outrem e modificam ao mesmo tempo a relação que tem consigo mesmo” (Foucault, 2018b, p. 8). Diante disso, muitas mulheres, ao dizer que foram vítimas de uma violência sexual, confessam que sofreram um crime, frequentemente, silenciado e pouco denunciado às autoridades policiais.

Agamben (2009, p. 42) afirma que “hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo”. Dessa maneira, a partir das informações veiculadas, os sujeitos podem alterar sua realidade e tomar decisões por causa desses “dispositivos discursivos” (Gregolin, 2007, p. 16). Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo que “formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente” (Gregolin, 2007, p. 16), uma vez que as comunidades existentes nesses espaços virtuais trocam constantemente conhecimentos a partir de interesses comuns e, assim, os sujeitos se subjetivam alterando sua forma de ser e/ou agir, além de confessar suas verdades.

5 As hashtags possibilitam “o agrupamento de postagens por tópicos, articulando determinadas palavras, frases ou expressões precedidas pelo símbolo sustenido “#”, chamado hashtag. Desde então, os usuários podem direcionar ativamente tópicos específicos ou acompanhar passivamente o movimento de indexação dessa mídia social (Moura e Mandaji 2014, p. 6).

“É uma forma de me libertar disso”: a verdade sobre si e sobre o outro

Nos últimos anos, com o advento da internet, de acordo com Menezes (2019, p. 109), “houve uma implosão de frentes femininas nas páginas da internet nos últimos anos: em campanhas, movimentos, vozes, em respostas às violências e também incentivando e visibilizando denúncias” que proporciona uma maior visibilidade aos discursos feministas que se mantinham invisíveis na sociedade em relação às informações e diálogos sobre os crimes de abusos sexuais sofridos por mulheres, sejam eles intrafamiliares ou não. Contudo, diante de uma sociedade que ainda é marcada pelos ditames machistas e patriarcais que normalizam o abuso sexual, as mulheres ainda carregam consigo o medo de expor seus relatos, uma vez que, além da exposição, precisam provar a violência sofrida. Nesse sentido, Vigarello (1998, p. 8) reitera que “[...] os juízes clássicos só acreditam na queixa de uma mulher se todos os sinais físicos, os objetos quebrados, os ferimentos visíveis, os testemunhos concordantes confirmam suas declarações”. Dessa maneira, a palavra da vítima não é suficiente para comprovar o crime. Além disso, outro fator responsável para que não ocorra a denúncia desses casos, é que, comumente, tais crimes envolvem companheiros, amigos e familiares.

Dessa forma, Foucault (2012, p. 261) aborda que “há casos em que a liberação e a luta pela libertação são de fato indispensáveis para a prática de liberdade”. Para que as mulheres tenham coragem de dizer a verdade sobre si, se faz necessário que se libertem do medo, da vergonha, das ameaças, do silenciamento. Vejamos o enunciado proferido por Evelyn:

Três coisas me fizeram ter coragem para gravar esse vídeo [...] E o terceiro motivo que me fez gravar esse vídeo, é **uma forma de me libertar disso** que há muito tempo que isso aqui fica como se fosse uma coisa presa no meu peito, a minha esperança é que isso passe [...] (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Ao iniciar sua confissão em “O vídeo *mais difícil que gravei em toda minha vida*”, a influenciadora Evelyn Regly enuncia três motivos que a encorajaram a expor o abuso, sendo um deles o fato de que a confissão do abuso sofrido na infância é uma forma de liberdade dos medos causados pelo crime que a acompanhava levando-a a ficar em silêncio por anos. No entanto,

é importante ressaltar que “deixar de lutar pode significar muitas coisas na cabeça de quem sofre violência sexual, mas não é – e nunca será – consentimento” (Araújo, 2020, p. 84). Portanto, se sentir envergonhadas ou impotentes por não conseguirem expor o abuso, não significa que houve consentimento da mulher para que ocorresse o crime, mas por considerarem que não há saída diante dos riscos que podem sofrer.

Além do medo e da culpa que silenciam as mulheres, “a vergonha silencia e isola as pessoas, permite que os crimes continuem” (Solnit, 2017, p. 98). A vergonha também é um sentimento comum que acompanha as vítimas de abuso sexual, pois muitas não têm coragem de falar abertamente que foram submetidas a uma violência, uma vez que, “a vergonha de confessar é sempre sinal da natureza ruim daquilo que se confessa” (Foucault, 2018, p. 131). Sendo assim, a sujeita diante da violação da intimidade não consegue confessar que cometaram um crime com o seu corpo. De acordo com Corbin (2021, p. 157), “não há perigo em calar-se, pode existir ao falar”, pois, ao enunciar uma verdade sobre si, expondo o fato ou crime, a vítima poder correr riscos, julgamentos e retaliações. Vejamos os enunciados de Evelyn Regly, que afirma que, diante do abuso, não sabia se podia confessar e relata sentir vergonha do ocorrido:

(...) eu senti muita vergonha, eu senti muito medo. **Eu senti medo de me acusarem de eu ser a culpada** (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

[...] quando eu comecei a entender que aquilo era errado, **eu fiquei com muita vergonha**. Eu não sei como meu pai e minha mãe ficaram sabendo, até hoje eu não sei, a gente nunca conversou abertamente sobre isso. (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Ao analisar as sequências enunciativas proferidas pela influenciadora Evelyn Regly, nota-se que a vergonha é, além do medo e da culpa, o sentimento que acompanha as mulheres vítimas de abuso sexual e, assim, as paralisam. Ao dizer que sentiu medo de ser acusada de culpada, Evelyn Regly demonstra os motivos de não ter denunciado o crime e as dificuldades de falar abertamente com a família sobre o que tinha sofrido. Nesse sentido, percebemos como a vítima é governada pelos sentimentos e emoções

advindos do abuso sexual ao qual foi submetida. No entanto, no final do vídeo Evelyn relata se sentir mais leve, vejamos:

Acho que esse foi um dos vídeos mais difíceis de falar sobre um assunto que incomoda demais, mas **eu tô mais leve** (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Conforme apresentamos anteriormente, ao falar sobre si no final do vídeo, a influenciadora explicita o quanto difícil é falar abertamente sobre o assunto por carregar consigo lembranças ruins de um momento da sua vida que a incomoda, o abuso sofrido. Os enunciados já analisados mostram que a influenciadora Evelyn Regly não tinha coragem de expor o crime por sentir medo de ser acusada. Portanto, para evitar o constrangimento acaba escondendo a verdade por medo do que possa sofrer, já que o sujeito abusador utiliza-se de estratégias discursivas e não discursivas que instauram o medo de confessar uma verdade sobre si mesmo além de provocar atitudes daquele a quem o discurso foi dirigido, aspectos discutidos no tópico seguinte.

“Ele só deixava eu jogar vídeo game se ele me tocasse”: estratégias discursivas e não discursivas utilizadas pelo sujeito abusador

Nos relatos de Evelyn Regly percebe-se que o abusador utiliza de estratégias para se aproximar, abusa da vítima, e, consequentemente, silenciá-la, já que o silêncio ajuda a protegê-lo e a perpetuar o abuso. Para Foucault (2015, p. 31), “não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos”. Desse modo, para conseguirem o que desejam, os abusadores, comumente, chantageiam, ameaçam e seduzem as mulheres para que não denunciem a violência sexual. Nos casos do âmbito familiar, a conquista da confiança, principalmente dos pais das crianças, é uma das ferramentas utilizadas pelo abusador para facilitar tanto para que o abuso aconteça como também para o convencimento dos familiares de que as vítimas não estão falando a verdade quando têm coragem de denunciar e não a apoiam.

Diante dos dados do Anuário de Segurança Pública (2024), percebemos que o maior número de casos de abuso sexual é cometido por pessoas da família. Os abusadores são, quase sempre, pais, padrastos, avôs, tios e/ou amigos da família. Nesse cenário, a influenciadora Evelyn Regly confessa os

abusos cometidos por um tio adotivo, quando necessitava ficar na casa dos seus avós para que sua mãe trabalhasse. Vejamos as sequências enunciativas a seguir:

E lá tinha um tio (...) que foi adotado pelo meu avô e ele era... eu acho que ele tinha (...) por volta de 18 anos, e minha mãe deixava a gente lá na casa da minha vó. A minha cabeça assim, como eu era muito pequena, eu não lembro se eu tinha por volta de 6, 7 anos mais ou menos, algumas coisas eu lembro, eu lembro dos abusos, eu lembro exatamente de tudo que eu sofri, mas eu não lembro de idade, de tempo, da minha irmã está comigo. (...) **Enquanto eu era dessa idade pequeninha, eu não entendia aquilo, eu lembro que lá tinha um vídeo game que eu adorava, que eu amava, que eu queria brincar (...) o vídeo game era desse tio e ele ficava me chamando para jogar vídeo game e eu ia jogar vídeo game** (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

E ele começou a me tocar, né?! E eu não entendia aquilo, **mas ele só deixava eu jogar o vídeo game se ele me tocasse**. Eu era criança, então assim eu não entendia aquilo (...). Isso se estendeu por muitos anos, sempre assim leve, me tocava aqui, fazia uma coisa aqui, às vezes mostrava as partes íntimas dele, passava e mostrava as partes íntimas dele e eu não sabia o que era, mas ele mostrava se masturbando (...) quando eu comecei a entender que aquilo era errado, eu fiquei com muita vergonha [...] (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Ao notar o interesse da criança pelo vídeo game, o tio, aproveitando-se da confiança conquistada e da inocência, usava-o como atrativo para chamar sua atenção e convencê-la, facilitando a prática dos atos libidinosos e a satisfação dos seus desejos sexuais. Além das estratégias discursivas que atraíam a sobrinha para brincar, vemos no relato de Evelyn que o sujeito também se utiliza de estratégias não discursivas que contribuem para que o abuso aconteça, como atos exibicionistas e pornográficos ao se masturbar e mostrar suas partes íntimas que coagiam a influenciadora.

Na sequência enunciativa apresentada, percebemos que o abuso sexual consiste em uma relação desigual de poder entre sujeitos de idades diferentes. Segundo Foucault (2015, p. 110), “o silêncio e o segredo dão guarida ao poder”. Desse modo, a influenciadora é obrigada a calar-se e não denunciar os abusos sofridos. Para Corbin (2021, p. 170), “o silêncio é, antes de tudo, uma

tática. Ele é uma proteção contra a revelação dos segredos da família e contra qualquer ataque ao patrimônio de honra”. Dessa maneira, o sujeito abusador ameaça a vítima e utiliza-se de estratégias discursivas para se proteger das consequências de seus atos. Vejamos a sequência enunciativa a seguir:

Quando eu comecei a entender que aquilo era errado, eu comecei a negar (...) eu comecei a falar não e aí vieram outros problemas, vieram ameaças, **antes das ameaças primeiro ele começou a querer me oferecer algumas coisas, tipo dinheiro ou querer oferecer alguns presentes para poder eu não contar [...]** (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Ao analisarmos o relato da influenciadora Evelyn Regly, pode-se perceber que, comumente, o sujeito utiliza estratégias discursivas ao ameaçá-la para que ela não contasse, oferecendo presentes e dinheiro, além de tentar convencer os familiares que teria problemas e que também teria sofrido abuso antes de ser adotado. Diante da negação da influenciadora, o enunciado do vídeo “*O vídeo mais difícil que gravei em toda minha vida*”, publicado por Evelyn Regly, evidencia que o homem abusador não utiliza a força, mas, sim, de diferentes estratégias que garantem seu silêncio.

Ademais, o abusador com o intuito de dominar a vítima e mostrar que tem o controle, submete-a a situações sem escape, que resulta na dificuldade em confessar, impedindo que a verdade seja dita. Dessa forma, utilizam discursos intimidadores que ameaçam a integridade física da mulher instaurando o pensamento de que são culpadas pelo abuso que sofreram e as silenciam. Araújo (2020, p. 284) afirma que “o silêncio ainda é a regra” nos casos de violência na família.

Regly ao confessar sobre o caso de abuso sexual intrafamiliar relata que o tio adotivo demonstrava ser alguém alegre e prestativo diante dos familiares que acreditavam na sua boa conduta, permitindo a aproximação com as crianças para brincar o que facilitava os episódios de abuso, visto que diante do seu comportamento demonstrava ser “*a pessoa mais incrível*.” com a família. Vejamos o enunciado a seguir:

Era a pessoa que mais brincava com todas as crianças da família, (...) como se fosse a pessoa mais incrível, porque era uma pessoa super alegre, prestativa.

Ah, vamos ensinar a Evelyn, por exemplo, a andar de bicicleta. - “Deixa

que eu vou”. – “Vai com o tio fulano”. Nisso que ele tava me ensinando a andar de bicicleta com as pessoas olhando, ele passava a mão em mim (Evelyn Regly, 2022, grifos nossos).

[...] Os irmãos de criação e as outras pessoas em volta passaram o pano porque falavam que ele tinha problemas. **Porque falaram que como ele foi adotado, ele sofreu abuso de onde ele veio e ele tinha problema** (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Dessa maneira, os relatos apresentados evidenciam que o abusador de Evelyn utiliza-se de estratégias para se aproximar, efetuar o ato e silenciar a vítima. Além disso, nega o ato cometido, persuadindo os familiares que deixam de apoiar a influenciadora por acreditarem no abusador, o que instaura em Evelyn o medo de dizer a verdade diante dos riscos. Há também os acontecimentos ocorridos na vida do sujeito, que são tidos como justificativas para o crime cometido, o que acaba culpabilizando a vítima. Diante disso, constatamos que, ao confessarem os abusos sexuais, as sobreviventes se constituem e constituem o outro, já que somos objetivados e subjetivados pelos discursos, aspectos que discutiremos no tópico seguinte.

Os modos de objetivação e subjetivação da vítima e do sujeito abusador

Comumente, há práticas de objetivação dos sujeitos que contribuem para que os discursos que supervalorizam a figura masculina sejam propagados na sociedade. Enquanto isso, a mulher vista como “propriedade de submissão, de inferioridade, de servir os desejos masculinos é absurdamente aceita” (Rocha, 2018, p. 9). São esses ideais que conferem ao sexo feminino a ideia de que necessita de cuidados e de que estão disponíveis para os homens. Posto isto, as mulheres são consideradas pelos homens como símbolos sexuais e “alvo fácil” de serem abusadas o que acabam tornando a violência uma forma de perpetuação da dominação do homem sobre o corpo da mulher, principalmente das crianças que têm suas infâncias prejudicadas.

Frente aos medos e traumas causados pela violência sexual, as sujeitas se subjetivam, alterando significativamente sua personalidade ou confessando suas verdades. Ao confessarem que foram vítimas de abuso sexual, seja intrafamiliar ou não, as sujeitas estão se constituindo e constituindo o outro,

visto que os discursos nos objetivam/subjetivam. Logo, modificam a relação consigo e com os outros. Portanto, no processo de subjetivação, as sobreviventes de abusos sexuais assumem um comprometimento ético com o que foi dito e se ressignificam. É importante destacar que para haver um processo de subjetivação se faz necessário que o sujeito tenha passado pela objetivação, uma vez que “essa objetivação e essa subjetivação não são independentes uma da outra” (Foucault, 2012, p. 229).

O dizer parrésiastico ou o dizer a verdade sobre si caracteriza-se como um ato de coragem das vítimas de abuso sexual que denunciam seus abusadores e contribui para que outras mulheres sejam objetivadas e/ou subjetivadas pelos discursos. Desse modo, ao analisarmos o enunciado abaixo, vê-se que são apresentados os modos de objetivação/subjetivação de Evelyn Regly, vítima de abuso sexual, que, ao enunciar tudo o que sofreu, toma para si o crime de abuso sexual evidenciando a maneira como se apresenta enquanto sobrevivente. Vejamos as sequências enunciativas do vídeo de Evelyn:

Teve um dia que, para vocês verem que tudo isso mexe comigo, tudo isso me atinge de alguma forma. Eu fui levar o Lucas para natação e aí quando eu fui trocar o Lucas dentro do vestiário, lá tem várias crianças de várias idades e, entra os pais, as mães, babás (...) e aí eu vi duas meninhas tomando banho peladas (...) e um pai aqui trocando um filho e outras pessoas entrando e saindo. **Aquilo me causou um mal tão grande, porque, (...) talvez a mãe dessas meninhas não tem noção que pode ter um pedófilo ali dentro** (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Evelyn enfatiza nos enunciados acima que as lembranças do abuso sofrido a acompanha durante a vida adulta, alterando a sua forma de agir, principalmente em alguns momentos com o seu filho. As consequências de uma violência sexual são, comumente, mais psicológicas que físicas e podem permanecer por meses ou até anos após o abuso. Para Tanizaka *et al.* (2022, p. 20), “a longo prazo, tende a promover comprometimentos à saúde mental, manifestando-se sob a forma de sintomas sexuais, comportamentais, emocionais e físicos”. Vejamos no relato de Evelyn outros problemas causados pela lembrança do abuso:

[...]. Eu lembrava de todas essas coisas que aconteceram comigo, tive alguns problemas, principalmente quando eu fui ter a minha primeira relação sexual... do meu namorado me tocar. Eu tive **uma aversão, um nojo**, uma coisa assim que eu fui vencendo fiz terapia um tempo [...] (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Ao investigar os modos como as mulheres se constituem, torna-se relevante analisar os sentimentos e emoções após o ato de abuso sexual. O relato da influenciadora Evelyn evidencia que “o corpo sobrevive, a pele resiste, mas a alma é definitivamente deteriorada” (Gros, 2018, p. 165), uma vez que ao ter sua primeira relação sexual ela sentia “uma aversão, um nojo” em consequência do que havia sofrido na infância, necessitando de ajuda psicológica para vencer alguns medos decorrentes do crime se abuso sexual como a falta de confiança para iniciar a fase da vida sexual.

No que se refere às denúncias, vejamos no enunciado abaixo a dificuldade que as mulheres têm em denunciar os casos de abuso sexual:

[...] a justiça do nosso país quando você vai numa delegacia, quando você vai denunciar, quando você vai processar, tem que ter prova. **E sabe qual é a prova? A prova é se tiver algum resquício, se tiver sêmen, por exemplo, se realmente efetuou o ato ou se alguém puder testemunhar ao seu favor de ter visto.** Como que... como que a gente vai provar alguma coisa se não tem, não tem provas, **é minha palavra contra a da pessoa, entendeu?!** **Então, nada foi feito** (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

No trecho do vídeo “O vídeo mais difícil que gravei em toda minha vida” de Evelyn, evidencia-se que as ações cometidas, bem como o próprio abusador são impunes pela justiça, normalizando ainda mais os casos de abuso sexual intrafamiliar na sociedade. Para mais, no que tange a penalidade para os crimes, de acordo com artigo 213 da Lei nº 12.015/2009, a reclusão é de 6 a 10 anos, 8 a 12 anos se houver lesão grave ou a vítima for menor e 12 a 30 anos se resultar em morte (Brasil, 2009, art. 213, §1º- 2º). Assim, ao denunciar, são necessárias provas físicas que desaparecem com o tempo, bem como testemunhas para comprovar o crime de violência sexual, dificultando que o sujeito seja punido pelo crime.

Vejamos a sequência enunciativa a seguir:

E eu lembro das pessoas defendendo, tipo fica calmo (...) e resumindo nada foi feito (...) **uma coisa que eu tenho muita mágoa, muita mágoa dessa família é que todos, todos acobertaram.** (...) Muita gente não tem noção do que acontece, muita gente **acha que é neurótica**, 'está maluca', 'tem maldade na cabeça', cansei de ouvir isso de gente da minha família. **A pessoa que sofreu abuso, às vezes ela é tida como mentirosa, maluca.** [...] (Evelyn Regly, 2020, grifos nossos).

Além da objetivação da mulher como símbolo sexual para satisfação dos desejos masculinos, vimos na confissão da influenciadora que o homem-abusador é objetivado pela sociedade como alguém com problemas. Sendo assim, a objetivação do abusador de Evelyn enquanto um sujeito com problemas psicológicos convence a família a seu favor, altera a relação da sobrevivente consigo mesmo, o modo como constitui seus sentimentos após a violência e a falta de confiança ou "*muita mágoa*" com a família que objetiva a vítima como "*neurótica*", "*maluca*" e maldosa, culpabilizando-a e acreditando no abusador.

Assim sendo, o modo como a vítima e o sujeito abusador são objetivados/subjetivados pela sociedade resulta na forma como se apresentam e são vistos durante e após o crime de abuso sexual. Além disso, viu-se que o corpo da mulher na infância é objetivado, já que o homem tem esse corpo da mulher como símbolo sexual para satisfação dos seus desejos e detém poder sobre ele, normalizando os casos de violência.

Considerações finais

Os dados analisados possibilitaram constatar que as mulheres podem ter medo de expor que foram vítimas de abuso sexual intrafamiliar e, assim, tornam-se adultas com inúmeros problemas causados pelos traumas do abuso sofrido na infância. Além disso, a vergonha também é um sentimento que acompanha as mulheres, pois muitas delas não expõem os casos por se sentirem constrangidas em confessarem ser vítimas de violência sexual. Segundo Menezes (2019, p. 161) "as denúncias informais que circulam na rede (...) expuseram vozes e situações, após processos de autoconhecimento e reconhecimento de terem sofrido abuso". Dessa maneira, as sobreviventes podem encorajar outras mulheres para expor as verdades sobre si,

denunciando e conscientizando acerca dos casos de violência sexual, possibilitando que as sujeitas rompam o silêncio imposto pelo homem abusador, como também, por aqueles que a culpam.

Além disso, as análises da confissão de Evelyn Regly confirmam que o homem abusador utiliza estratégias discursivas e não discursivas para que ocorra o abuso. As chantagens e ameaças são utilizadas para intimidar e impor o medo fazendo com que as verdades não sejam confessadas. Há também as seduções com atrativos em que o sujeito aproveita-se da inocência da vítima de abuso sexual para cometer o crime e a silencia, além de convencer a família da sobrevivente culpabilizando-a do caso e acreditando no abusador, isentando-o das consequências do ato de violência.

Ademais, neste trabalho abordamos como os discursos em uma sociedade machista patriarcal supervaloriza a figura masculina, tendo a mulher como sexo frágil e seus corpos como objeto para satisfação sexual dos homens. Diante disso, a objetivação do abusador que, comumente, é visto como ser problemático, as ameaças, o medo e a vergonha que silencia as vítimas de abuso sexual e a falta de apoio dos familiares altera não somente a relação das sobreviventes consigo mesmo produzindo novas subjetividades, mas com o outro.

É válido destacar a importância dos espaços midiáticos para a confissão de mulheres que sofreram violência sexual. A mídia, como já mencionado ao longo do nosso trabalho, possibilita que as sobreviventes tenham voz, sejam ouvidas e encorajadas pelos discursos de outras. Desse modo, acreditamos que a presente pesquisa possibilitará que outros pesquisadores explorem acerca da temática analisada e contribua para novos trabalhos sobre do abuso sexual intrafamiliar, além de auxiliar na disseminação dos casos de abuso sexual.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o dispositivo. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009, p. 25- 51.

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso: a cultura do estupro no Brasil.** 1. ed. Rio de Janeiro: Globo livros, 2020.

CORBIN, Alain. **História do silêncio:** do Renascimento aos nossos dias. Editora Vozes, 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade:** o governo de si e dos outros II. Curso no Collége de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política.** 3. ed. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Fonte Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Linguística e ciências sociais. In: FOUCAULT, Michel **Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e histórias dos sistemas de pensamento.** 3. ed. Trad. Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Malfazer, dizer verdadeiro:** função da confissão em juízo – curso em Louvain, 1981. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 8. ed. Trad. L. F. Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber, trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.** – 14^a ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2022b. – (Coleção Biblioteca de Filosofia).

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes/ Luís Mauro Sá Martino. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MENEZES, Mariana Risério Chaves de. **Meninas, mulheres e imagens virtuais: por entre violências, direitos e ciberfeminismos**. Curitiba: Appris, 2019.

MOURA, Keren Franciane; Carolina Fernandes da Silva, MANDAJI. **A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013**. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2025.

NERY, Luciana Fernandes. **Entre os riscos e a coragem de dizer a verdade sobre si**: os discursos das sobreviventes de estupro a partir da prática da confissão no facebook. 2021. 231 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

ROCHA, Iêgo Paulino. **Objetificação do corpo feminino e a cultura do estupro**. 2018. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2018.

SOLNIT, Rebeca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TANIZAKA, Hugo; BOVENZO FILHO, Carlos Eduardo; BARCELOS, Rebecca Curtis. CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOMÁTICAS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL: PREOCUPAÇÕES EM SAÚDE. **Revista Saúde - UNG-Ser - ISSN 1982-3282**, [S. I.], v. 16, n. 1, p. 16–25, 2022. DOI: 10.33947/1982-3282-v16n1-4481. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/4481>. Acesso em: 30 mar. 2025.

VIGARELLO, Georges. **História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

VÍDEOS ACESSADOS

REGLY, Evelyn. **O vídeo mais difícil que gravei em toda minha vida.**

Youtube, 29 mai. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=1oOFLkdJwlc&t=525s>. Acesso em: 08 jun. 2023.

REGLY, Evelyn. **Abuso que sofri e tudo sobre pedofilia com delegada**

Paula Mary - Vaca cast. YouTube, 6 de set. 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=G6qFpldfv7I&t=2s>. Acesso em: 08 jun. 2023.

Recebido em: 10-04-2025

Aprovado em: 01-05-2025